

TELMA FRANCO*Bullying* contra surdos: a manifestação silenciosa da resiliência.

Curitiba: Appris, 2014. 216p

Erotides Romero Dantas Alencar *

O livro é resultado de uma dissertação de mestrado em educação pela Universidade Federal do Piauí. Foi proposto como um elemento de discussão para a construção de uma nova visão concernente à surdez, como diferença, e ao sujeito surdo, enquanto sujeito ativo e reflexivo, com potencialidades que podem e devem ser exploradas e incentivadas. Estas seriam soluções viáveis apresentadas pela autora como forma de minimizar a manifestação do *bullying* nesse grupo em questão.

A autora posiciona-se confirmando a existência do *bullying* porém, considerando necessário desconstruir os estereótipos instalados na sociedade a respeito dos envolvidos no fenômeno, além da padronização presente na maioria das literaturas sobre o assunto. Faz essa desconstrução através da verificação, pelo estudo de caso, dos sentidos subjetivos atribuídos por duas discentes surdas às práticas de *bullying* sofridas e aos seus impactos na vida das mesmas. Para tal, referência teoricamente autores que discorrem sobre o *bullying* – Deborah Christina Antunes, Ana Beatriz Barbosa Silva e Cleo Fante; sobre a surdez Skliar, Strobel e Perlin; e, González Rey e Yin para embasar as concepções metodológicas e sobre subjetividade.

A metodologia empregada para a coleta de dados foi pesquisa qualitativa, do tipo estudo de caso, fundamentada pela Teoria da Subjetividade de González Rey posto que, este autor discorre sobre o conhecimento da subjetividade do sujeito por meio da identificação dos sentidos subjetivos por ele produzidos.

O livro foi dividido em cinco capítulos. O primeiro versa sobre a Teoria da Subjetividade de González Rey e expõe seus principais conceitos: sujeito, subjetividade individual e social, sentidos subjetivos e configurações sociais. A autora inicia abordando um pouco da construção histórica do termo subjetividade e de como havia um subjugamento desta à objetividade requisitada ao conhecimento científico. Considera que foi a partir das contribuições de Freud, Vigotsky e Rubinstein que a subjetividade ganhou um caráter histórico-cultural. Afirma também que a psique humana

* Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho – UNINOVE/SP. É psicóloga efetiva do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - Campus Parnaíba. O presente trabalho é uma resenha do livro *Bullying* contra Surdos: a manifestação silenciosa da resiliência escrito por Telma Franco e publicado em 2014 pela editora Appris de Curitiba - Paraná. Telma Franco é mestre em educação pela Universidade Federal do Piauí, especialista em alfabetização pela Universidade Federal do Piauí/Instituto Camilo Filho e graduada em pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí. Atua como professora na Faculdade de Ensino Superior do Piauí e pedagoga do Centro Educacional de Internação Provisória para adolescentes que cometem atos infracionais.

assumiu com o tempo uma dimensão mais complexa, sistêmica, dialógica e dialética, passando a ser “aceita por grande parte dos estudiosos que pesquisam sobre o sujeito e sua constituição” (p.21).

Dispõe que a subjetividade se manifesta tanto na dimensão individual, quanto na social e “apresenta um aspecto multidimensional, recursivo e contraditório” (p.23). Afirmar ser impossível conhecer o sujeito pleno sem analisar de forma aprofundada a manifestação de sua subjetividade. Discorre sobre o entendimento de sujeito, “constituído, principalmente, por sua história de vida, suas vivências, experiências e cultura que influenciam significativamente na construção de sua subjetividade, contribuindo para a produção de sentidos subjetivos geradores de novos sentidos” (p.30). Descreve o que seja a subjetividade individual e a subjetividade social e de como estas estão em permanente recíproca. Assim finaliza com o entendimento de que subjetividade individual e social não se relacionam fora do sujeito, nem no interior dele, mas nas constantes contradições vivenciadas no processo de constituição da subjetividade do sujeito, que interferem diretamente em sua personalidade, caráter e postura assumida diante da vida e das experiências que vivencia enquanto ser humano.

No capítulo dois a autora apresenta informações a respeito da identidade, língua e cultura surda, no intuito de fundamentar as informações produzidas com os sujeitos da pesquisa, considerando o que González Rey defende sobre o entrelaçamento da subjetividade social e individual. Descreve a evolução da educação para os surdos e de como esta educação está ligada à forma, da classe ouvinte dominante, de conceber o sujeito surdo e da “criação e assinaturas de acordos internacionais e documentos legais sobre a educação especial ou inclusiva” (p.41). Faz uma análise fundamentada das imagens produzidas sobre a surdez, “que interferem diretamente nos modelos de educação adotados e no tratamento dispensado ao Surdo” (p. 59). Defende a posição de surdez como diferença. A autora expõe a forma como o sujeito surdo tem convivido com a surdez em uma sociedade na qual o ouvintismo ainda prevalece. Considera que existe uma pseudo-inclusão, tendo em vista que “o ouvinte não se coloca na posição do surdo para entender que a sua cultura é outra, sua língua é diferente, e que ele precisa delas para estabelecer sua posição dentro de uma sociedade de ouvintes” (p.70). Com base nesse entendimento de multiculturalismo é que a autora constrói o entendimento de que a consciência da diferença entre cultura surda e ouvinte é que efetivará a verdadeira inclusão do Surdo, resguardando suas singularidades.

Nesse capítulo do livro verifica-se o entendimento de que a identidade surda vem se construindo com base na relação que o sujeito surdo desenvolve com a sua vivência da surdez. Por isso, avalia como imprescindível a convivência do surdo com seus pares pois, é nessa inter-relação que vai construindo sua identidade. A autora enfatiza ainda o uso e valorização da LIBRAS, língua natural dos surdos, como principal via de comunicação. Entende que é importante também que aprendam a língua portuguesa pois, terão com ela acesso a um mundo majoritariamente ouvinte; porém não apenas

os surdos devem ser bilíngues, mas, também, a sociedade.

O capítulo três aborda atualizadas contribuições sobre o *bullying*, no qual são dispostos elementos científicos sobre os envolvidos em práticas do fenômeno e as causas e consequências provocadas e sofridas por cada um dos protagonistas. A autora faz sempre a ligação do contexto do sujeito surdo com a vivência do fenômeno *bullying* e considera que o mesmo “se apresenta como resultado de preconceito e discriminação, construídos histórica e culturalmente pela sociedade, engendrados contra os sujeitos que apresentam diferenças que perturbam e provocam estranhamento” (p.95). Sustenta que o fenômeno se originou de um processo de massificação e uniformização dos sujeitos, resultado de uma estrutura e conjuntura social que institui a beleza, a normalidade e os comportamentos predeterminados como regras a serem aceitas e obedecidas. Considera que existe uma estereotipia e tentativa de padronização do termo e dos envolvidos de forma que negligencia as subjetividades dos sujeitos e dos sentimentos que os percorrem na vivência dessa prática. E sugere que é preciso desmistificar as caricaturas estabelecidas e se “proceder a uma nova forma de reconhecimento e enfrentamento do *bullying* para que se possa colaborar com sua erradicação” (p.128).

No capítulo quatro encontra-se a descrição detalhada da metodologia adotada na pesquisa. Como já dito anteriormente, foi realizado um estudo de caso baseando-se na Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey em uma perspectiva da epistemologia qualitativa, à luz dessa teoria. Dessa forma, buscou-se conhecer os sentidos subjetivos dos sujeitos em relação ao fenômeno *bullying*. Utilizou como instrumentos para a construção teórica: a observação; entrevistas em processo; complemento de frases; sociograma e conflito de diálogos. A autora descreve com detalhes como cada um desses instrumentos foi executado e de que forma contribuíram ou não em sua finalidade.

O último capítulo é uma apresentação das informações produzidas no percurso da pesquisa, tanto pelas duas alunas surdas (denominadas de Sol e Lua, 14 e 15 anos respectivamente), como pelos demais entrevistados: as mães das meninas, os demais alunos da sala do 6º ano de uma escola inclusiva não identificada, algumas professoras, direção e coordenação. Expõe, criticamente, os principais sentidos subjetivos produzidos e manifestados pelos sujeitos supracitados demonstrando em que momentos se aproximam ou se afastam das categorizações feitas sobre o fenômeno *bullying*. Reafirma os entendimentos já elencados em capítulos anteriores sobre o universo Surdo ligando aos sentidos subjetivos apresentados com o *bullying*.

Para abordar o máximo das consequências desse fenômeno complexo a autora faz muitas subdivisões no capítulo. A partir das informações produzidas por Sol e Lua a autora conclui que “sentem-se insatisfeitas, mas não deixam que esse sentimento as paralise, nem as torne passivas diante do sofrimento causado pelo assédio permanente e repetitivo a que são expostas” (p.188). Nesse momento, apresenta ao leitor a compreensão do subtítulo do livro, qual seja, a manifestação silenciosa

da resiliência.

Finalizando o livro a autora reafirma a teoria de González Rey. Confirma a existência do fenômeno pelas práticas de *bullying* manifestadas em sala e pelos sentidos subjetivos produzidos pelas alunas surdas. Constata que do papel de “vítimas” as alunas tornaram-se protagonistas ao apresentarem reações e atitudes positivas. Propõe uma mudança na visão de surdez e do sujeito surdo, bem como uma educação verdadeiramente inclusiva. E sugere a implantação eficaz de escolas bilíngues, metodologias envolvendo estratégias viso-espaciais, garantia de respeito e valorização de sua língua, identidade e cultura surdas, entre outras.